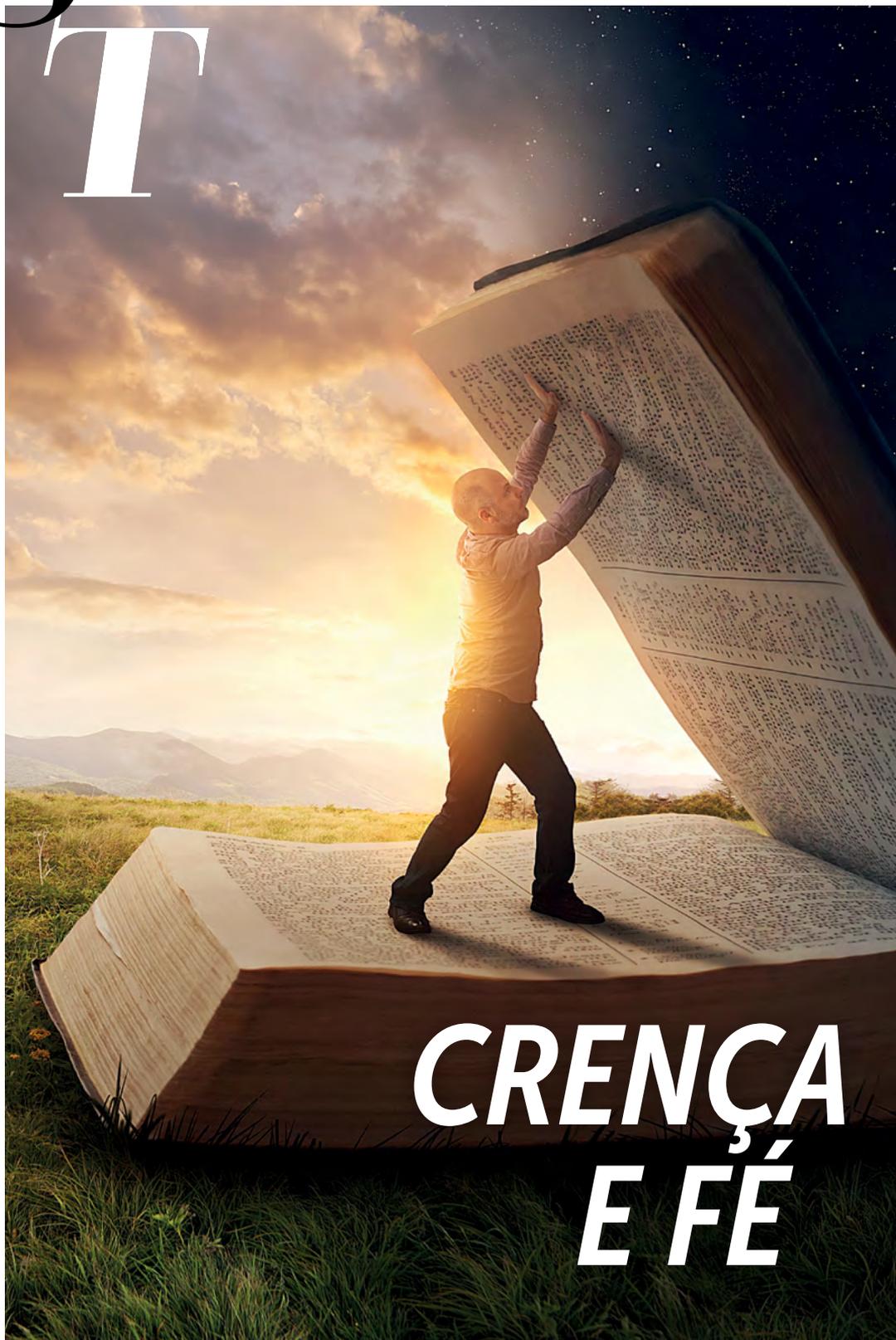


S

SINAIS
DOS
TEMPOS

! A ÚNICA SOLUÇÃO SATISFATÓRIA
! A ASSUNÇÃO CORPORAL DE MARIA

T



CRENÇA E FÉ



PUBLICADORA SERVIR
1º TRIMESTRE 2022
N.160 / ANO 40 / €2,00

0 873901 322010



PUBLICADORA SERVIR
1º TRIMESTRE 2022
N. 160 / ANO 40

REVISTA INTERNACIONAL
EDIÇÃO TRIMESTRAL
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR **Ezequiel Quintino**

DIRETOR DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL sinais@pservir.pt

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

DIAGRAMAÇÃO **Marta Rodrigues Pereira**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

DIRETOR **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO
**Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo
21 962 62 00**

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA

Editorial Safeliz

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA

Éditions Vie et Santé

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA

Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas

TIRAGEM **11 000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL Nº **63193/93**

PREÇO NÚMERO AVULSO **2,00€**

ASSINATURA ANUAL **8,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

≈ ÍNDICE ≈

03

EDITORIAL

Da Crença à Fé

RELIGIÃO

04



A Única Solução Satisfatória

A solução é Cristo.

FILOSOFIA



12

Não Importa no que Creio, desde que Eu Seja Sincero?
O real valor da sinceridade.

CRENÇAS



18

A Assunção Corporal de Maria

A virgem Maria já está no Céu?

TEOLOGIA

26



Crença e Fé

Que relação existe entre a fé e o que cremos?

32

NOTÍCIA QUE FAZ PENSAR

“Guerras e Rumores de Guerras”

Um importante sinal dos tempos!

33

NOTÍCIA POSITIVA

Cracóvia Tem uma Praça com o Nome de um Missionário Adventista

Uma homenagem merecida.

34

A BÍBLIA ENSINA

Fé e Salvação

Aprenda com a Bíblia.

Da Crença à Fé



Pr. Ezequiel Quintino

Diretor

O Conselho da ONU declarou que 2022 será o Ano Internacional do Vidro. O objetivo é celebrar o papel essencial que o vidro tem e continuará a ter na Sociedade. Desde a conferência de abertura, em fevereiro, em Genebra, na Suíça, até ao congresso de encerramento, em dezembro, no Japão, serão realizados eventos para realçar a importância tecnológica, científica, cultural e económica do vidro. A história do vidro é parte integrante da história da Humanidade. É o material mais puro que existe – 100% reciclável.

O vidro faz parte do nosso dia-a-dia, às vezes de forma impercetível. O vidro pode ter várias cores e gradações, mas o mais comum é o transparente. Já não se pode dizer o mesmo das crenças. Nem todas são límpidas. Há quem se esconda atrás da tradição dos pais, mesmo percebendo que essa crença não responde às suas próprias inquietações e necessidades. Outros acham que não vale a pena investigar ou testar as crenças, desde que se seja sincero; cega ou inconscientemente caem na credência e na superstição. Por isso, é importante compreender que crença e fé não são a mesma coisa. Fé e crença

são dois conceitos distintos e separáveis, tanto na teoria como na prática. Porém, a fé não é independente da crença; mas a crença pode ser independente da fé. Leia o desenvolvimento destas ideias em dois artigos: “Crença e Fé” e “Não Importa no que Creio, desde que Eu Seja Sincero?”.

Nesta *ST* também analisaremos, com o auxílio da Bíblia, o mais recente dogma católico romano sobre Maria, a mãe de Jesus: “A Assunção Corporal de Maria”, promulgado há apenas 71 anos. Daremos também lugar a uma notícia positiva e a duas notícias que fazem pensar: “Guerras e Rumores de Guerras.” Intensifica-se, na sociedade humana, a sensação de necessidade de um desfecho para este sucessivo acumular de crises de toda a espécie. Daí que “A Única Solução Satisfatória” será, na realidade, aquela que nos interessa a todos.

No início deste ano, faço votos de que venha a fazer parte do grupo dos vencedores que estarão sobre “*uma espécie de mar de vidro transparente*” (Apocalipse 15:2-4, *BpT*), até porque a “Bíblia Ensina” que a fé e a salvação estão relacionadas. Boa leitura desta *ST*! ▢

RELIGIÃO



Ezequiel Quintino

Teólogo



A ÚNICA SOLUÇÃO SATISFATÓRIA

O mundo hoje está num estado de “prognóstico reservado”. Se eu fosse médico e tivesse um paciente tão gravemente doente como este mundo está agora, perderia a esperança de poder ajudá-lo. Porém, um paciente com um coração fraco não está condenado necessariamente a uma morte prematura. Com acompanhamento e tratamento adequado, ele tem uma boa hipótese de viver até uma idade avançada. Mas se ele também sofre de doença oncológica, tuberculose e até pneumonia; se ainda lhe for diagnosticado diabetes e sida; haverá pouca esperança de que ele possa recuperar. E se, além de tudo isto, ele sofrer um ou

dois acidentes vasculares cerebrais hemorrágicos, seria lógico concluir que, com este quadro clínico tão complicado e adverso, o fim dele não estaria longe. Esta é, hoje, a condição do nosso mundo. A inquietação está em toda a parte. A corrupção permeia o tecido social. As dependências minam e destroem indivíduos e a Sociedade. Falsas doutrinas políticas e religiosas envenenam a própria vida. As relações humanas estão contaminadas com intolerância e ódio...

Ora, já há cerca de dois mil anos, o apóstolo e profeta Paulo escreveu como um jornalista do século XXI, ao fazer a radiografia da nossa Sociedade: “*Fica sabem-*



do que, quando chegarem os últimos tempos, hão de vir momentos difíceis. Os homens serão egoístas, gananciosos, pretensiosos, orgulhosos, blasfemos, desobedientes aos pais, mal-agra-dados e descrentes. Serão gente sem amor nem espírito de colaboração. Serão caluniadores, desonestos, desumanos, inimigos do bem, traidores, insolentes, duros de entendimento e mais amigos dos prazeres do que de Deus. Têm aparências de piedade, mas renegam a sua verdadeira força.” Depois, Paulo também aconselha: *“Foge também deles”* (II Ti-móteo 3:1-5).

Por outro lado, quando se observa a Natureza, parece que o Planeta geme

“Fica sabendo que, quando chegarem os últimos tempos, hão de vir momentos difíceis. Os homens serão egoístas, gananciosos, pretensiosos, orgulhosos, blasfemos, desobedientes aos pais, mal-agra-dados e descrentes. Serão gente sem amor nem espírito de colaboração. Serão caluniadores, desonestos, desumanos, inimigos do bem, traidores, insolentes, duros de entendimento e mais amigos dos prazeres do que de Deus.”

através das alterações climáticas e dos vulcões. O mundo inteiro evidencia estar à beira do colapso. Houve um tempo em que alguns Cristãos eram acusados de serem vaticinadores de calamidades e profetas da desgraça. Hoje, são os cientistas e os peritos nas várias áreas que analisam os eventos mundiais e preveem desastres – secas, calores contínuos e desertificação... incêndios florestais catastróficos e inundações devastadoras. O nível do mar pode subir, em média, até 2,5 metros ainda antes de 2050...

No meio desta agitação e deste desas-sossego, a História revela que a Humani-

Este Deus, que é a essência do amor, explicou que estava a trabalhar na erradicação absoluta do mal e prometeu que recriaria totalmente o nosso Planeta, devolvendo-lhe a harmonia e a perfeição iniciais.

dade (leia-se: nomeadamente, os políticos) tem dissipado oportunidades de corrigir a sua ação, ignorando ou adiando ostensivamente a busca de soluções conjuntas. É de todo evidente que o Planeta caminha para o abismo destrutivo. Dizem estudos e previsões que a Terra irá ficar sem condições de habitabilidade dentro de alguns anos. A verificar-se, seria como que uma auto-destruição, devido à inação humana. E nós estamos a ser testemunhas disto.

ENTÃO, E AGORA?

A História também mostra que o Deus Criador do Universo já entrou, no passado, de forma ativa, na história humana. Em determinados momentos de crise, Deus interveio para interromper ou corrigir os descaminhos do Homem (por exemplo, o Dilúvio universal, a torre de Babel, Sodoma e Gomorra [Génesis 6-9; 11:1-9; 18-19:29]). Também agiu para dar continuidade ao Seu Plano de Salvação da Humanidade (por exemplo, a libertação do povo de Israel do Egito, a incar-

nação de Jesus, o Seu ministério terrestre, as Suas morte, ressurreição e ascensão ao Céu [Êxodo 1-14; os quatro Evangelhos; e Atos 1:1-11]).

Este Deus, que é a essência do amor, explicou que estava a trabalhar na erradicação absoluta do mal e prometeu que recriaria totalmente o nosso Planeta, devolvendo-lhe a harmonia e a perfeição iniciais (Apocalipse 21:1-8). **Como no passado, quando se atingir o momento previsto por Ele para atuar, Jesus regressará à Terra para libertar os que aceitaram o Seu Plano de Salvação.** Dará assim início ao processo de reabilitação global do Planeta. O nosso Deus Criador não permitirá que o ser humano, nas suas irresponsabilidade, ganância louca e maldade, se autodestrua e impeça a realização dos planos divinos. **A Segunda Vinda de Jesus é a grande esperança do mundo, o evento para o qual se dirige toda a civilização humana, mesmo que disso não se aperceba.** Temos relatos bíblicos documentados e pormenorizados acerca desta expectativa óbvia: o facto, a maneira, o objetivo e o efeito da Segunda Vinda de Jesus.

O FACTO DA SEGUNDA VINDA DE JESUS

O próprio Salvador prometeu aos discípulos que regressaria: *“Não estejam preocupados. (...) Na casa de meu Pai há muitos lugares. (...) Eu vou à vossa frente para vos preparar lugar. E depois de vos preparar um lugar, hei de voltar para vos levar para junto de mim, de modo que estejam onde eu estiver”* (João 14:1-3).

Quando Jesus estava a ser julgado, com falsas acusações para O condenar à morte, e perante o Seu silêncio, Caifás interroga-O sob juramento: *“Ordeno-te, em nome do Deus vivo, que nos declares se és o Messias, o Filho de Deus! – Jesus respondeu: Tu o disseste. Mas digo-vos mais: De agora em diante **hão de ver o Filho do Homem sentado***



A Segunda Vinda de Jesus é a grande esperança do mundo, o evento para o qual se dirige toda a civilização humana, mesmo que disso não se aperceba.

à direita de Deus todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mateus 26:63 e 64).

Outro texto favorito da Bíblia que inclui a boa notícia da Segunda Vinda de Cristo é Tito 2:11-13: **“Pois já se manifestou a graça de Deus, que é de salvação para toda a humanidade. É esse amor que nos ensina a deixarmos a descrença e a abandonarmos os desejos mundanos, para levarmos neste mundo uma vida honesta, justa e piedosa. Também nos ensina a viver felizes na esperança de que se há de cumprir o que nos prometeu, que é a manifestação gloriosa do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo.”**

Há muitos textos bíblicos sobre o tema da Primeira Vinda de Jesus. Os que conheciam as Escrituras sabiam o lugar onde Ele iria nascer, as circunstâncias do Seu nascimento, como seria tratado, que seria vendido por 30 moedas de prata, e muito mais! Mas há oito vezes mais textos acerca da Segunda Vinda de Cristo. Ele prometeu, Ele cumprirá!

A MANEIRA DA SEGUNDA VINDA DE JESUS

A maneira do regresso de Cristo é muito importante. O inimigo de Deus detesta a

ideia da vinda de Jesus em poder e glória, para ser visto por toda a gente. Satanás inveja a glória que pertence a Cristo e tem um plano contra o Salvador. O demônio convenceu milhões de pessoas em todos os lugares de que Jesus virá sorrateiramente e de que haverá muitos que nem saberão que Ele já veio. Por isso, é extremamente importante distinguir entre a verdade e o erro sobre a maneira da Segunda Vinda de Jesus. A Bíblia é clara.

Jesus *“foi elevado ao céu, à vista deles, e uma nuvem encobriu-o [...]”. Estavam eles a olhar atentamente para o céu enquanto ele subia quando, subitamente, dois anjos disseram aos discípulos reunidos: Por que estão aí parados a olhar para o céu? Este mesmo Jesus que do vosso meio foi elevado ao céu, voltará da mesma maneira como agora o virem subir”* (Atos 1:9-11). O apóstolo João também escreveu: *“Eis que ele vem com as nuvens. Toda a gente o verá, até mesmo os que o mataram”* (Apocalipse 1:7). E Jesus já tinha explicado: *“Tal como o relâmpago alumia o céu de um extremo ao outro, assim será a vinda do Filho do Homem.”* O Salvador virá com poder e grande glória,

acompanhado pelos Seus anjos (Mateus 24:27, 30 e 31). Nada será secreto acerca da Segunda Vinda de Jesus, exceto a data: **“Sobre o dia e a hora destes acontecimentos é que ninguém sabe: nem os anjos no céu”** (Mateus 24:36).

O OBJETIVO DA SEGUNDA VINDA DE JESUS

Com que objetivo vem Jesus? Isto revela-nos mais acerca d’Ele. Jesus é confiável. Ele tem o hábito de terminar o que começou. Os escarnecedores têm dito que o regresso de Cristo nunca vai acontecer, que é tudo um mito. Pedro, o apóstolo, responde-lhes em antecipação: *“Nos últimos dias, hão de aparecer certas pessoas que viverão de acordo com as suas paixões. Fazendo troça, dirão: Cristo prometeu voltar. Em que é que ficou essa promessa? Os nossos pais (antepassados) já morreram e tudo continua na mesma, como desde o princípio do mundo. Esquecem-se propositadamente que, (...) os céus e a terra que agora existem são guardados para o fogo, segundo a mesma palavra de Deus. Estão guardados para o dia em que os maus serão julgados e destruídos. (...) Não é que o Senhor demore a cumprir o que prometeu, como alguns pensam; é paciente convosco, pois não quer que ninguém se perca, mas que todos venham a arrepender-se. Porém, o dia do Senhor virá (...). Nesse dia, os céus desaparecerão com grande estrondo, os corpos celestes serão abrasados e destruídos, e a terra e tudo o que nela existe será queimada. (...) Mas nós, segundo a promessa de Deus, esperamos novos céus e nova terra, onde habita a justiça. Por tal motivo, queridos amigos, enquanto esperam por esse dia, façam tudo para que Deus vos encontre sem faltas, sem pecados e em paz. Reparem na paciência de nosso Senhor. Ela é para nossa salvação”* (II Pedro 3:3-15). É indiscreto e maravilhoso o amor de Deus!

Afinal, o que vem Jesus terminar? Ele terminará o grande Plano da Reden-



ção. Sejamos gratos por Ele ser competente para conduzir o Seu plano até ao fim, até ao glorioso fim que é apenas o início da eternidade. Quando consideramos o objetivo de Deus para vir à Terra, muitas vezes pensamos que o Seu propósito principal é salvar-nos e levar-nos para o Céu. É evidente que isso faz parte e é uma bênção. Mas existem questões maiores do que simplesmente levar-nos para o Céu. O Segundo Advento é realizado não para benefício pessoal egoísta, mas como solução para as aflições do mundo. Jesus virá também para defender a reputação de Deus e o Seu amor. Então, podemos ser agradecidos, porque Deus colocará um fim à prolongada história do pecado, por nossa causa; e para o bem de muitos milhões de outros seres humanos que sofrem neste mundo de pecado; e também por causa da verdade, da justiça e da reputação de Deus diante de todo o Universo. E todos os que, apesar da angústia, do sofrimento e das lágrimas, ainda amam e confiam em Deus, desempenham neste mundo um papel significativo na vindicação do amor de Deus perante o Universo.



O EFEITO DA SEGUNDA VINDA DE JESUS

Como será que isso nos vai afetar, a si e a mim? Recordemos que, quando Jesus esteve aqui pela primeira vez, um dia Ele entrou no Templo de Jerusalém e purificou-o. Os ladrões e os corruptos, em pânico, lançaram fora o dinheiro e fugiram (Marcos 11:15-17). Mas outro grupo ficou para trás: as crianças pequenas e os idosos, os desamparados e os necessitados.

Assim como houve uma diferença na reação das pessoas nos dias em que Jesus veio pela primeira vez, haverá também uma diferença quando Ele regressar. Muitos que nunca oraram a Deus irão implorar à Natureza, orarão às rochas e às montanhas, dizendo: *“Caíam sobre nós e escondam-nos longe do olhar daquele que está sentado sobre o trono e longe da ira do Cordeiro, porque chegou o dia terrível da sua ira, e quem lhes poderá resistir?”* (Apocalipse 6:14-17.) Mas outros vão olhar para o céu e dizer: *“É ele que é o nosso Deus, aquele em quem esperámos, confiantes, e nos salvou. Sim, nós esperámos no SENHOR! Exultemos e rejubilemos porque ele nos salvou”* (Isaías 25:9).

Quando Jesus vier, será diferente. Não precisaremos de óculos, de bengalas, de aparelhos auditivos ou de quaisquer outras próteses. Os que, no passado, viveram na fidelidade a Deus *“ressuscitarão incorruptíveis”* e, juntamente com os que estiverem vivos, serão *“transformados”* e adquirirão a *“imortalidade”* (I Coríntios 15:50-54). Como alguém disse: quando Jesus vier, teremos mentes perfeitas em corpos perfeitos e viveremos num mundo perfeito; e quando tivermos vivido um milhão de anos, teremos apenas começado. Aqueles que viveram como se Deus não existisse não resistirão à santidade da glória de Jesus, vindo como *“Rei dos reis e Senhor dos senhores”* (Apocalipse 19:16).

CONCLUSÃO

Cristo está quase a regressar para receber todos os que Lhe têm sido fiéis e desejam viver com Ele, porque Jesus também quer cumprir a Sua promessa de viver com eles. Como afirma a Escritura Sagrada, **a Segunda Vinda de Jesus será literal, real, pessoal, visível, audível, em glória e majestade, e em simultâneo para todo o planeta Terra.**

Nesse dia haverá dois grupos. Muitos, depois de a porta ser fechada, desejam ainda entrar, e dirão: “Senhor, abrem-nos. Queremos entrar.” E eles ouvirão: “O que fizeram para quererem entrar? Que direito têm de entrar?” Então, eles vão responder: “Senhor, nós conhecemos-Te. Comemos e bebemos na Tua presença. Além disso, profetizámos em Teu nome, expulsámos demónios e realizámos muitos milagres. Senhor, não é isto suficiente? Abre a porta.” Qual será a resposta? *“Nunca vos conheci. Afastem-se de mim, seus malféitores!”* (Mateus 25:1-13; 7:21-23.) O que reivindicaram eles? *“Nós fizemos isto e aquilo... Fizemos muita coisa... Portanto, temos o direito de estar aí, de*

O regresso de Jesus à Terra é a única solução satisfatória para um Planeta moribundo e para uma Humanidade que anseia e necessita de paz, de harmonia, de justiça, de saúde, de bem-estar, de desenvolvimento contínuo e de amor por toda a eternidade.

entrar.” Porém, naquele dia, o que fizemos não contará muito.

Haverá um outro grupo, naquele mesmo dia, uma grande multidão, incontável, *“de todas as nações, tribos, povos e línguas”*, que virá ao portão da cidade para entrar. Ouvir-se-á a pergunta: “O que fizeram para poderem entrar aqui? Que argumento apresentam?” E eles responderão: “Oh, não fizemos absolutamente nada para merecer entrar no Céu. Somos pecadores, dependentes apenas da graça de Cristo. Vivíamos tão miseráveis e completamente cativos na escravidão do pecado que ninguém podia libertar-nos, a não ser o próprio Jesus. Éramos tão cegos que ninguém, além do Senhor, poderia fazer-nos ver, tão nus que ninguém poderia cobrir-nos, a não ser o Salvador. Tudo o que temos é o que Jesus fez em nosso favor. Quando, na nossa miséria, chorámos e O invocámos, Ele libertou-nos e confortou-nos. Quando, na nossa pobreza, implorámos, Ele enriqueceu-nos. Quando, na nossa cegueira, Lhe pedimos que nos mostrasse o caminho,

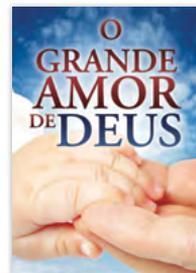
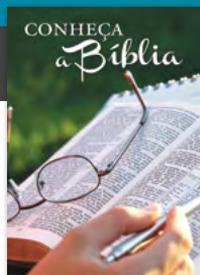
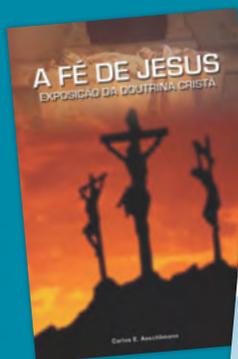
Ele guiou-nos. Quando estávamos tão nus de santidade que ninguém poderia cobrir-nos, Jesus deu-nos as Suas próprias vestes de justiça para vestirmos.

“Portanto, tudo o que temos para apresentar, qualquer reivindicação que nos permita entrar, é apenas o que o nosso Salvador Jesus fez por nós. Se isto não é suficiente, ficamos de fora, e isso será justo, porque nada merecemos por nós mesmos. Se formos deixados de fora, não temos qualquer reclamação a fazer. Mas, a nossa esperança e confiança estão apenas na salvação que Cristo realizou, dando a Sua vida e intercedendo por nós, para nos dar a graça de entrar e possuir a herança.”

E do Céu virá a resposta: “Sim. Estamos perfeitamente satisfeitos com os requisitos cumpridos. A libertação que obtiveram da vossa miséria é aquela que o Senhor operou. As vestes que envergam, o Senhor vo-las deu; são as de Cristo. Sim, pela graça de Jesus certamente podem entrar.”

Então, os remidos exultarão: *“(.) A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro!”* E o Universo celestial cantará: *“Ámen! O louvor, a glória, a sabedoria, a ação de graças, a honra, o poder e a força pertencem ao nosso Deus por todo o sempre. Ámen!”* E uma voz afirmará: *“Aquele que está sentado no trono protegê-los-á. (...) Nunca mais terá fome nem sede (...) porque o Cordeiro, que está no trono, será o seu pastor e os conduzirá às fontes das águas da vida. Deus enxugará para sempre as lágrimas dos seus olhos”* (Apocalipse 7:9-17).

Escolha estar no grupo que receberá a imortalidade! O regresso de Jesus à Terra é a única solução satisfatória para um Planeta moribundo e para uma Humanidade que anseia e necessita de paz, de harmonia, de justiça, de saúde, de bem-estar, de desenvolvimento contínuo e de amor por toda a eternidade. Este é um desejado e autêntico “sinal dos tempos”. ☐



Estude a Bíblia de forma temática com o auxílio de CURSOS.

ESPERANÇA em FOLHETOS!

Ligue e peça através do telefone **933 93 92 91.**

FILOSOFIA

≈

Paul Dibdahl

*Doutor em Missiologia,
Pastor e Professor*

NÃO IMPORTA NO QUE CREIO, DESDE QUE EU SEJA SINCERO?¹

Hoje, na Sociedade, existem dúvidas sobre a importância de se acreditar em doutrinas específicas. As pessoas procuram o que é certo para elas considerando aquilo que as faz “sentirem-se bem”. Por isso, os valores diferem. O tempo e o lugar onde nascemos têm efeitos profundos nos valores que adotamos. Nalgumas Culturas, a hospitalidade e a lealdade são valores cruciais. Noutras, a coragem e a pureza podem ser consideradas com grande admiração. Num cenário diferente, as qua-

lidades do dever, da perseverança ou do patriotismo podem ser as mais estimadas.

O VALOR DA SINCERIDADE

Um dos valores que tem vindo a ganhar popularidade a nível global é o da sinceridade. Segundo o *Dicionário*, uma pessoa sincera é alguém “marcado pela genuinidade” e pela “ausência de hipocrisia”. Exis-

¹ Adaptado do livro coletivo *A Lógica da Fé*, organizado por Humberto Rasi e Nancy Vyhmeister, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015, pp. 167-174.



te, na Sociedade, um crescente consenso de que pessoas inteligentes, e que respeitam os outros, não devem envolver-se em debates desnecessários sobre crenças e pontos de vista diferentes acerca da verdade. Argumentam: “Afinal, já que nunca vamos estar de acordo, para quê preocuparmo-nos com tudo isso?” E acrescentam: “O que realmente importa é que sejamos sinceros e honestos acerca daquilo em que acreditamos.” Ora, este ponto de vista parece aberto, inclusivo e sensível (o

que também são valores com crescente popularidade nos nossos dias). Sendo certo que alguém até poderá recorrer à Bíblia para demonstrar o valor da sinceridade.

Lemos em I Crónicas que o rei Davíd insistiu com Salomão, seu filho, para que não se afastasse de Deus e O servisse espontaneamente “*com todo o [seu] coração*” (28:9, *BpT*). Acerca dos primeiros crentes em Jesus está escrito que se reuniam e comiam juntos “*com alegria e singeleza de coração*” (Atos 2:46, *ARA*). Em I Timóteo 3:8, a sinceridade é um dos requisitos necessários aos líderes da Igreja. Por fim, a sabedoria do Céu é descrita como “*imparcial, sem fingimento*” (Tiago 3:17, *ARA*). Além destas referências explícitas, a Bíblia está repleta de histórias que demonstram o valor da sinceridade e genuinidade perante Deus. Uma das maiores críticas de Jesus aos líderes religiosos do Seu tempo era sobre a hipocrisia e a falta de sinceridade deles (Mateus 23:13, 15, 23, 25, 27-29).

Portanto, fica claro que a sinceridade é, de facto, uma qualidade admirável que Deus deseja que todos tenhamos. Mas

A Bíblia está repleta de histórias que demonstram o valor da sinceridade e genuinidade perante Deus. Uma das maiores críticas de Jesus aos líderes religiosos do Seu tempo era sobre a hipocrisia e a falta de sinceridade deles.

também é verdade que a salvação não depende da nossa aprovação mental a todas as crenças corretas. Deus até pode salvar pessoas sinceras que tenham pouco conhecimento doutrinário ou estejam confusas sobre o que seja certo e verdadeiro. Mas será que isto significa que aquilo em que uma pessoa acredita não tem importância, desde que ela seja sincera? Seria razoável hipervalorizar a sinceridade a ponto de considerarmos que podemos acreditar em qualquer coisa, desde que sejamos sinceros?

ALGUMAS LIMITAÇÕES DA SINCERIDADE

Este excesso de valorização da sinceridade passa muitas vezes por alto dois aspectos da sinceridade. Primeiro, ser realmente sincero é muito mais difícil do que se possa imaginar. Colocar a sinceridade no lugar da crença correta não significa distanciar-se da ambiguidade e aproximar-se da serena confiança. Em vez de tornar a situação mais simples e mais tranquila, o apelo à sinceridade, pelo seu padrão incrivelmente alto, coloca-nos um problema sério.

O NOSSO CORAÇÃO É ENGANOSO

De acordo com Jeremias 17:9 (*ARC*), “*Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso: quem o conhecerá?*” Se o coração pecaminoso é tão enganador, talvez a nossa fuga de debates sobre “crenças” e “verdades” para nos refugiarmos no conforto da sinceridade não seja tão segura quanto imaginamos. Mesmo se tudo o que importasse fosse a sinceridade, como poderíamos ter a certeza de sabermos se somos ou não totalmente sinceros? A sinceridade parece ser uma espécie de virtude escorregadia, a qual é difícil de possuir de maneira plena e consistente, e é até difícil de definir.

Quantas vezes pensamos que fomos sinceros acerca de alguma coisa só para descobriremos, mais tarde, que nos enganamos a nós mesmos e que os nossos

motivos não eram assim tão puros como tínhamos imaginado? Por exemplo, os casamentos, regra geral, começam com duas pessoas que honestamente sentem que encontraram a sua “alma gêmea”. Fazem voluntariamente os votos de fidelidade e amor e assumem o compromisso de serem fiéis uma à outra pelo resto da vida. E elas estão a ser sinceras! Todavia, se visitássemos esses casais, anos mais tarde, encontraríamos alguns desses casamentos já desfeitos. Se conversássemos com eles, perceberíamos que só agora eles próprios reconheceriam que se casaram, em parte, pelo menos, para agradar aos pais, para diminuir a solidão, para satisfazer o desejo de intimidade física, para evitar problemas em casa ou, até, para desfrutar de uma melhor vida financeira. Se alguém lhes tivesse sugerido isso no dia do casamento, eles teriam negado veementemente (e com sinceridade) que fosse esse o seu caso. Apesar de essas motivações estarem presentes no subconsciente, eles não puderam perceber, na ocasião do casamento, que as suas decisões e os seus votos estavam longe de ser totalmente sinceros. Daqui se conclui que *os julgamentos humanos sobre a sinceridade não são muito confiáveis*.

A SINCERIDADE PODE SOBREVIVER SOZINHA?

Este é o segundo aspecto da hipervalorização da sinceridade. Voltemos à pergunta: “O que eu creio tem realmente importância, desde que eu seja sincero?” Esta questão pode surgir da suposição de que a sinceridade é uma qualidade que é capaz de existir sozinha, mesmo que separada da crença. Na realidade, não é esse o caso, em absoluto.

A sinceridade pressupõe uma crença *em* ou *acerca de* algo. Isto é demonstrado em vários textos bíblicos que utilizam a palavra “sincero”. O apóstolo Paulo, ao es-

A man with dark hair and a beard, wearing a light blue button-down shirt, is holding a white card in front of his face. The card is partially covering his eyes and nose. The background is a plain, light-colored wall.

A crença
tem, sim,
importância...

... pois aquilo
em que cremos é
o que guia o nosso
comportamento.

crever aos crentes em Corinto, receava que eles se corrompessem “no entendimento” e abandonassem “a simplicidade e a pureza da fé em Cristo” (II Coríntios 11:3, *BpT*). Note-se que a sinceridade tem um objetivo: conduzir a Cristo. Em II Timóteo 1:5 (*ARC*), ela é uma “fé não fingida”; em I Pedro 1:22 (*ARC*), ela é “amor fraternal, não fingido”.

Muitas pessoas dizem: “Eu sou sincero.” Nestes casos, é correto perguntar: “Sincero sobre o quê?” Essas pessoas podem ser sinceras na crença de que a sinceridade não tem importância. Alguém pode até ser sincero na sua crença de que não é sincero! A sinceridade deve estar ligada a algo para que signifique alguma coisa. **É impossível ser sincero sem ser sincero sobre alguma coisa.** Isto quer dizer que **a sinceridade e a crença não podem ser separadas.**

A IMPORTÂNCIA DA CRENÇA

Isto leva-nos ao que parece ser o problema mais evidente com a declaração de que aquilo que a pessoa crê não tem importância, desde que ela seja sincera. O problema é simplesmente este: **a crença tem, sim, importância, pois aquilo em que cremos é o que guia o nosso comportamento.** A ligação entre crença e comportamento (e

a importância dessa ligação) pode ser ilustrada por inúmeros exemplos da vida real.

Em 26 de abril de 1986, o reator nuclear de Chernobyl, na extinta União Soviética, libertou radiações que mataram mais de quatro mil pessoas e incapacitaram outras setenta mil. A causa do desastre não foi falta de sinceridade da parte dos especialistas nucleares soviéticos. Longe disso! Eles estavam a testar um dos quatro reatores de Chernobyl e, sinceramente e de todo o coração, acreditavam que seriam capazes de controlar os níveis de fissão. Mas eles estavam errados. Houve uma reação em cadeia sem controlo, e o reator explodiu. Os técnicos não eram pessoas más. Não estavam a tentar envenenar o ambiente, a suicidarem-se, a matarem os familiares ou as pessoas da região. Eles eram sinceros. Mas a sinceridade deles não os protegeu das trágicas consequências da sua crença infeliz de que aquelas oito varetas de boro seriam suficientes para controlar a cadeia de reação nuclear.

Recordando também um pouco da história da Medicina, sabemos que, na primeira metade do século XIX, médicos bem-intencionados examinavam e tratavam sucessivamente cada paciente sem lavar as mãos. Utilizavam instrumentos

Temos a responsabilidade de verificar se as crenças que recebemos são compatíveis com o que Deus revelou, e que está escrito no padrão que é a Bíblia.

que não tinham sido esterilizados e usavam a mesma bata durante todo o dia, apesar da acumulação de sangue e pus de procedimentos prévios. Aqueles médicos eram sinceros no desejo de ajudar os pacientes, mas não compreendiam como as infecções eram transmitidas, e os níveis de mortalidade eram elevadíssimos. A sinceridade deles não salvava os doentes. Desejaríamos, hoje, que um daqueles cirurgiões nos operasse? Ousaríamos dizer: “O que os médicos creem não tem a menor importância. Desde que eles sejam sinceros, pouco importa o que eles sabem sobre anatomia humana ou o que acreditam sobre a transmissão de infecções”? Será que diríamos o mesmo sobre um piloto: “Não me importa se ele crê no controlador de voo, desde que ele me leve, com sinceridade, ao meu destino, neste avião”? E quanto ao professor ou ao líder religioso? Certamente queremos que eles sejam sinceros, mas também queremos algo mais!

Em todas as áreas da nossa vida, esperamos que as pessoas estejam conscientes do conhecimento que lhes está disponível. Queremos que estejam informadas e que sejam competentes de acordo com o conhecimento adquirido. Em resumo, esperamos que conheçam a matéria e acreditem nela, agindo em harmonia com

esses conhecimentos. Fazer diferente é ser leviano e irresponsável.

O mesmo é verdade no domínio da religião e da fé. O missionólogo K. P. Yohannan conta a história de um negociante que chegou pela primeira vez a uma das ilhas do Pacífico Sul. Quando ele estava a conversar com o chefe da ilha viu que na casa dele havia uma Bíblia, e logo deduziu que missionários cristãos já tinham passado por ali. Desapontado, o comerciante escarneceu do chefe, dizendo: “É uma vergonha [] que o senhor tenha dado ouvidos a essas tolices sem sentido dos missionários.” O chefe olhou para o comerciante e disse: “O senhor está a ver aquela grande pedra branca ali? Até há poucos anos, aquela pedra era usada para partir a cabeça das nossas vítimas e retirar-lhes o cérebro. E vê aquele enorme forno acolá? É o forno onde, até há uns anos, nós assávamos o corpo das nossas vítimas antes de nos regalarmos com ele. Se não tivéssemos escutado aquilo que o senhor chama ‘*tolices sem sentido dos missionários*’, pode ter a certeza de que a sua cabeça já teria sido rachada por aquela pedra e o seu corpo estaria a ser assado naquele forno.”²

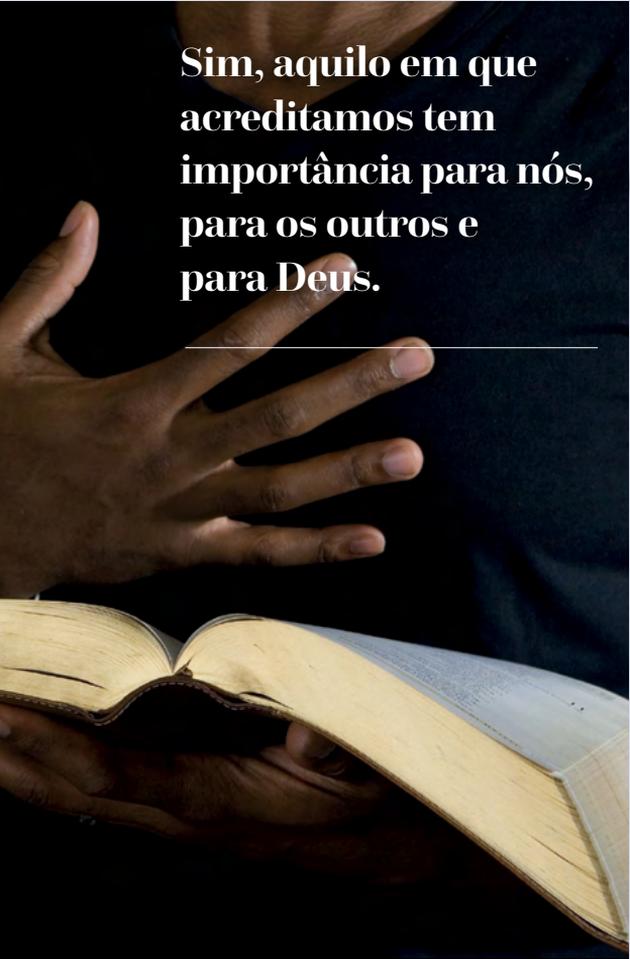
O que fez a diferença na vida daquele chefe? Podemos admitir que houve uma mudança positiva na vida dele, mas essa modificação não se traduziu em sair da hipocrisia para a sinceridade. Ele pode ter rachado crânios, cozinhado cérebros e assado pessoas com enorme sinceridade. A diferença aconteceu quando as crenças dele mudaram, e essas novas crenças levaram a uma transformação profunda e positiva no seu comportamento.

Não é preciso ir muito longe para encontrar pessoas que são fervorosa e sinceramente devotas de uma ideologia religio-

² K. P. Yohannan, *Revolution in World Mission*, Carrollton, TX: GFA Books, 2003, pp. 111 e 112.

sa. A sinceridade delas é algo admirável, mas as suas crenças podem conduzi-las a atos como amarrar explosivos ao próprio corpo e detoná-los no meio de multidões inocentes. Jesus já tinha exortado contra as cegas paixões religiosas, ao dizer aos discípulos que viria o dia *“em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus”* (João 16:2, *ARA*). É óbvio que a sinceridade não é tudo! **Sim, aquilo em que acreditamos tem importância para nós, para os outros e para Deus.**

Em toda a Bíblia vemos o esforço de Deus em instruir cuidadosamente os Seus seguidores quanto à melhor maneira de viver. Como afirma o Salmista: *“Nunca me esquecerei dos teus preceitos, visto que por eles*



Sim, aquilo em que acreditamos tem importância para nós, para os outros e para Deus.

me tens dado vida. [...] Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos” (Salmo 119:93, 105, *ARA*). Pode ser que nem sempre seja fácil compreender e aceitar as orientações de Deus. Os crentes nem sempre concordam em cada ponto das doutrinas, mas espera-se que pesquisem as Escrituras com oração e espírito de humildade, como exorta o apóstolo Paulo: *“Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”* (II Timóteo 2:15, *ARC*). O trabalho para compreender corretamente a orientação divina trará recompensas. Quanto mais clara e profunda for a nossa compreensão sobre a vontade de Deus para nós, mais valorizaremos a nossa vida.

A VIDA DE CRENÇA E A SINCERIDADE

O apóstolo Pedro escreve à Igreja dando valor à unidade da crença com a obediência e a sinceridade. E relembra que, por meio de Cristo, *“tendes fé em Deus, que o ressuscitou dos mortos, e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivesse em Deus. Purificando as vossas almas [vidas] na obediência à verdade, para amor fraternal, não fingido, amai-vos ardentemente uns aos outros, com um coração puro”* (I Pedro 1:21 e 22, *ARC*).

O apelo do apóstolo está atualizado e é hoje ainda mais válido para nós. Que a nossa crença em Deus possa levar-nos à obediência ao que Ele revelou na Sua Palavra – a Bíblia Sagrada. Temos a responsabilidade de verificar se as crenças que recebemos são compatíveis com o que Deus revelou, e que está escrito no padrão que é a Bíblia. Se seguirmos o que Deus diz, viveremos em amor sincero pelos outros, sem fingimento. Se vivermos assim, seremos mais felizes e melhores pessoas, e faremos do nosso mundo um lugar mais agradável e seguro. ▢

CRENÇAS



Samuele Bacchiocchi

Teólogo

A ASSUNÇÃO CORPORAL DE MARIA

Os dogmas católicos romanos referentes a Maria revelam uma progressiva glorificação do estatuto da mãe do Salvador Jesus Cristo. A alegação católica de que Maria foi assunta ao Céu para servir como “Rainha sobre todas as coisas” rivaliza com o ensino bíblico de que Jesus ascendeu ao Céu como “Rei dos reis”.

A crescente veneração de Maria está a pressionar o Papa a promulgar um último dogma, que exaltaria Maria oficialmente ao estatuto de co-redentora. Na realidade, mais de seis milhões de Católicos, representando uns 150 países, já assinaram uma petição (lançada na década de 1990), solicitando ao Papa que formalize uma definição do último dogma mariano – “que a Virgem Maria é co-redentora com Jesus e coopera plenamente com o seu Filho na redenção da Humanidade”.¹ Se, ou quando, o Papa promulgar este dogma que declara Maria co-redentora, mediadora de todas as graças e advogada do povo de Deus, a glorificação de Maria terá alcançado a derradeira etapa da sua divinização.

A PROMULGAÇÃO DO DOGMA DA ASSUNÇÃO CORPORAL DE MARIA

O dogma da assunção corporal de Maria foi oficialmente promulgado pelo Papa Pio XII, em 1 de novembro de 1950 – dia observado pelos Católicos como “Festa de Todos os Santos”. Pio XII declarou solenemente: “Com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos S. Pedro e S. Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser

dogma divinamente revelado que a imaculada Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial.”²

E, para garantir que o dogma seria aceite sem questionamentos, Pio XII acrescentou esta advertência assustadora: “Se alguém, e que Deus não permita, ousar voluntariamente negar ou pôr em dúvida esta nossa definição, saiba que naufraga na fé divina e católica. [] A ninguém, pois, seja lícito infringir esta nossa declaração, proclamação e definição, ou temerariamente opor-se a ela e contrariá-la. Se alguém presumir intentá-lo, saiba que incorre na indignação do Deus onnipotente e dos bem-aventurados apóstolos S. Pedro e S. Paulo.”³ E o Catecismo ainda amplia o significado deste dogma ao afirmar: “A assunção da Virgem Maria é uma participação singular na ressurreição do seu Filho e uma antecipação da ressurreição dos outros Cristãos: ‘Em vosso parto [de Maria], guardastes a virgindade; em vossa dormição [dormir na sepultura], não deixastes o mundo, ó Mãe de Deus: fostes juntar-vos à fonte da Vida, vós que concebestes o Deus vivo e, por vossas orações, livrareis as nossas almas da morte’.”⁴

Ao promulgar o dogma da assunção corporal de Maria, Pio XII conseguiu exaltar Maria à mais elevada posição como Rainha do Céu. Maria “alcançou por fim, como suprema coroa dos seus privilégios, que fosse preservada da corrupção do sepulcro, e que, à semelhança do seu divino Filho, vencida a morte, fosse levada em corpo e alma ao Céu, onde refulge como rainha à direita do seu Filho, Rei imortal dos séculos”.⁵

MARIA É DESCRITA COMO A RAINHA DO CÉU NO APOCALIPSE?

A crença na entronização de Maria como a Rainha do Céu é claramente negada pela

1 <http://zenit.org/article-17236?l=english>

2 *Munificentissimus Deus: Selected Documents of Pope Pius XII* (1950), p. 45.

3 *Idem*, p. 47.

4 *Catechism of the Catholic Church* (nota 11), p. 252, § 969.

5 Henry Denzinger (nota 31), p. 647, n° 2331.

visão do trono de Deus, apresentada em Apocalipse 4 e 5. Na visão, o apóstolo João contempla Deus sentado no trono, cercado por 24 anciãos e quatro seres viventes. Cristo, o Cordeiro, também está no trono. Milhares de anjos cercam o trono. Mas não há Rainha do Céu ao lado do trono de Cristo.

Já o profeta Jeremias tinha advertido o povo de Judá contra o culto à Rainha do Céu: “*de queimar incenso à Rainha dos Céus e de lhe oferecer libações*” (Jeremias 44:25-27, *ARA*). A razão para Deus condenar os que promoviam a adoração à Rainha do Céu é que somente Ele deve ser adorado e glorificado: “*Fora de mim não há nenhum outro deus. Eu sou um Deus justo e salvador, e não existe nenhum outro. Voltem-se para mim e sereis salvos, [...] pois eu sou Deus e não há nenhum outro*” (Isaías 45:21 e 22, *BpT*). E o Apocalipse também adverte quem promove o culto de falsos deuses, como o da Rainha do Céu, de que perderá a salvação e receberá o devido castigo de Deus (14:10; 21:8; 22:15).

A REAÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II

A glorificação de Maria, por Pio XII, como Rainha do Céu à direita do seu Filho provocou uma reação tardia por parte do Concílio Vaticano II (1962-1965). Num artigo da revista *Time*, Richard Osling escreveu: “Antes do Concílio Vaticano II, Papas tinham proclamado Maria co-redentora com Jesus. Durante o Concílio, Bispos, sob a pressão dos fiéis, foram obrigados a ratificar a doutrina da co-redentora; mas eles não expediram nenhum decreto sobre Maria. Em vez disso, ela foi incorporada à Constituição sobre a Igreja, uma providência que colocou a Virgem no mesmo nível da comunidade dos crentes em Cristo, e não numa posição de co-igualdade com Ele.”⁶ Para Osling, a razão para se diminuir o papel de Maria no



Concílio Vaticano II foi “a preocupação de Maria se tornar numa divindade concorrente, numa tradição comum em muitas religiões pagãs suplantadas pelo Cristianismo. [] O grande temor é que ela seja adorada acima do Filho”.⁷

Desde o Concílio Vaticano II tem havido duas correntes nos bastidores do Vaticano – a favor ou contra quanto a fazer de Maria co-redentora. A 24 de março de 2021, o Papa Francisco defendeu que os Católicos recorram à Virgem Maria como “mãe”, rejeitando a proposta de um quinto dogma mariano e o título de co-redentora: “Cristo é o Mediador, a ponte que atravessamos para nos dirigirmos ao Pai. É o único Redentor, não há co-redentores com Cristo, é o único, o Mediador por excelência, é o Mediador.”⁸

⁶ Richard N. Osling, *Cover Stories: Handmaid or Feminist?* [Reportagens de Capa: Serva ou Feminista?], *Time*, 30 de dezembro de 1991.

⁷ *Ibidem*.

⁸ <https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-cristo-e-o-unico-redentor-diz-o-papa-rejeitando-novo-dogma-mariano/>



Para o ser humano pecador, a divindade feminina, idealizada para satisfazer as necessidades humanas, pode ser mais facilmente manipulada, porque, afinal de contas, ela é a terna Deusa Mãe, e não o intransigente Deus Pai da Bíblia.

ADORAÇÃO PAGÃ À RAINHA DOS CÉUS

A adoração à Rainha do Céu remonta a tempos muito antigos. Os Israelitas infieis adoravam a Rainha dos Céus (Jeremias 7:18). Isto é um resquício dos antigos Fenícios, que chamavam à Lua Asterote ou Astarte, a Rainha dos Céus. Num artigo, o professor Hermann Sasses reconhece claramente que “o culto a Maria substituiu entre os Cristãos os cultos das grandes divindades femininas, que desempenharam papel relevante na vida da Humanidade pagã pré-cristã: as virgens sagradas e as mães divinas, a Ishtar babilónica, cujo culto já se infiltrara em Israel, a rainha síria do céu, a grande mãe da Ásia Menor, a Ísis egípcia, cujo favor no Ocidente se reflete no emprego generalizado do nome *Isidoro* entre Judeus e Cristãos. Infelizmente, isto não foi apenas o substituto cristão para uma religião pagã; foi também uma religião pagã

⁹ Hermann Sasses, *Mary and the Pope: Remarks on the Dogma of the Assumption of Mary*, www.clai.org.au/articles/sasse/marypope.htm

¹⁰ *Ibidem*.

sob o disfarce cristão. O culto mariano é o último dos grandes cultos a uma divindade feminina que abriu o caminho ao Oriente para o mundo romano, pois foi na segunda guerra púnica que Roma adotou o culto à *Magna Mater* da Ásia Menor”.⁹

O professor Sasses vai mais longe ao dizer que a razão para o triunfo da veneração de Maria na Cristandade encontra-se no facto de que o Homem pecador “perverte a ordem divina porque não reconhece Deus como Senhor, preferindo sujeitar Deus a si, de tal maneira que a necessidade de uma divindade feminina é a essência do Homem natural caído”.¹⁰ Para o ser humano pecador, a divindade feminina, idealizada para satisfazer as necessidades humanas, pode ser mais facilmente manipulada, porque, afinal de contas, ela é a terna Deusa Mãe, e não o intransigente Deus Pai da Bíblia.

1. ARGUMENTOS BÍBLICOS FAVORÁVEIS À ASSUNÇÃO DE MARIA

É espantoso que a Igreja Católica defenda o dogma da assunção corporal de Maria ao Céu apelando tanto para a Bíblia, como para a tradição. Mas o facto é que não há apoio bíblico, nem histórico, para semelhante crença. Notáveis defensores deste dogma católico reconhecem o facto. Todavia, outros ainda procuram encontrar apoio indireto em alguns textos bíblicos.

Mateus 27:52 e 53

apoiar a assunção de Maria?

Quando Jesus morreu no Calvário, um violento tremor de terra provocou a abertura de sepulcros e muitos dos justos falecidos ressuscitaram. Saíram dos seus túmulos e, depois da ressurreição de Jesus, entraram em Jerusalém e apareceram a muita gente. Esta descrição sugere a alguns Católicos a *probabilidade* da assunção corporal de Maria. Esta interpretação é absurda. O texto

bíblico diz apenas que “muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram” (Mateus 27:52). O relato do Evangelho não diz se esses justos ressuscitaram como Lázaro ou se ressuscitaram com corpos imortais para serem trasladados ao Céu após concluírem a sua missão de testemunhar. Se tivessem ressuscitado imortais, representariam “as primícias dos que dormem” (I Coríntios 15:20). Mas o apóstolo Paulo aplica esta frase exclusivamente à ressurreição de Cristo. Se esses fiéis tivessem, por fim ascendido ao Céu, este evento tão importante não teria passado despercebido aos escritores do Novo Testamento.

Por outro lado, Maria não poderia ter ressuscitado, pela simples razão de, naquela ocasião, ainda não ter morrido. Deve recordar-se que Maria continuou viva e a participar na adoração a Deus, bem integrada no grupo de crentes, e assistiu à ascensão de Jesus ao Céu. Voltou com os discípulos para Jerusalém, e permaneceu com eles no cenáculo, à espera da promessa do Espírito Santo, no Pentecostes (Atos 1:1-14). A partir deste episódio, a Sagrada Escritura faz silêncio total sobre a vida de Maria. Portanto, o texto de Mateus 27:52 e 53 não oferece nenhum apoio à crença de que Maria teria sido assunta corporalmente ao Céu.

Apocalipse 12:1-6 apoiar a assunção de Maria?

O Apocalipse fala de uma mulher a quem nasceu um filho que, mais tarde, governaria todas as nações. “E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono” (12:5, *ARA*). Alguns autores Católicos defendem que essa mulher representa a mãe de Jesus a ser assunta ao Céu. Mas há duas razões pelas quais este texto não pode apoiar a interpretação Católica.

Em primeiro lugar, a mulher ali representada não é Maria, mas a Igreja fiel

que foi protegida por Deus durante o período profético de 1260 dias. O dragão (Satanás, mediante os seus agentes humanos) perseguiu a Igreja lançando “um rio” de perseguições, na tentativa de a destruir. Mas não conseguiu, porque Deus a protegeu (Apocalipse 12:7-16).

Em segundo lugar, Cristo é Quem “foi arrebatado para Deus até ao seu trono” (Apocalipse 12:5), e não a mulher. Uma leitura objetiva do texto não apoia a crença na assunção corporal de Maria ao Céu. Os símbolos de “uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Apocalipse 12:1) também não representam Maria, a Rainha do Céu. A razão é simples: em Apocalipse, a mulher (a Igreja fiel) não foi arrebatada para Deus ao Céu, mas “fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias” (Apocalipse 12:6, *ARC*). Portanto, a Bíblia ensina claramente que só Cristo ascendeu ao Céu e foi exaltado à direita de Deus (Atos 2:33). Alegar que Maria ressuscitou dos mortos e foi arrebatada para o Céu com um estatuto semelhante ao do Filho de Deus rebaixa a função de Cristo como único e suficiente Redentor da Humanidade.

2. ARGUMENTOS DA TRADIÇÃO FAVORÁVEIS À ASSUNÇÃO DE MARIA

O dogma da assunção de Maria, além de não ter o apoio bíblico, também carece de provas históricas do Cristianismo na sua fase inicial. Nenhum dos primeiros escritores cristãos jamais reivindicou ter visto uma relíquia de Maria, e nenhuma cidade jamais reivindicou ter os seus restos mortais. Em contrapartida, todos parecem saber que os túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo estão em Roma; e os de João e de Timóteo, em Éfeso.



É espantoso que a Igreja Católica defenda o dogma da assunção corporal de Maria ao Céu apelando tanto para a Bíblia, como para a tradição. Mas o facto é que não há apoio bíblico, nem histórico, para semelhante crença.



Durante séculos, a Igreja Primitiva ficou completamente em silêncio a respeito do destino de Maria. A primeira menção vem de Epifânio, um natural da Palestina que se mudou para o Chipre, em 390, onde foi eleito Bispo de Salamis. Com honestidade, ele declara: “Mas, se alguns pensam que estamos enganados, examinem as Escrituras. Ali não vão encontrar a morte de Maria; não vão encontrar se ela morreu ou não; não vão encontrar se ela foi ou não sepultada. [] A Escritura é absolutamente omissa a respeito da morte de Maria. [] Quanto a mim, não me atrevo a falar, mas guardo os meus próprios pensamentos e pratico silêncio [], pois o fim dela ninguém sabe.”¹¹

Então, como foi que o ensino da assunção corporal de Maria ganhou tanta

relevância até ser finalmente (apenas em meados do século XX) declarado como um dogma, em 1950? A resposta encontra-se num evangelho apócrifo conhecido como *Transitus Beatae Mariae* (*As Jornadas da Bendita Maria*), que começou a circular no fim do século V. Esse evangelho apócrifo deu origem a uma série de relatos em copta, grego, latim, siríaco, árabe, etíope e arménio.

Em 590, Gregório de Tours foi o primeiro Pai da Igreja a afirmar explicitamente a assunção de Maria. Ele fundamenta o seu ensino precisamente no apócrifo *Transitus Beatae Mariae*. O problema é que todos os historiadores sérios (entre eles, o mariólogo Juniper Carol e o teólogo Karl Rahner, ambos Católicos) consideram o livro *Transitus Beatae Mariae* uma total falsificação.

¹¹ Epiphanius, *Panarion Haereses* 78.10-11, 23. Citado por Juniper Carol, ed., *Mariology* (1957), vol. 2, pp. 139 e 140.

A LITERATURA APÓCRIFA *TRANSITUS* CONDENADA PELOS PAPAS

Contrariamente ao que alega o Papa Pio XII – que a assunção de Maria é “dogma divinamente revelado” – a realidade histórica é que a Igreja Católica desenvolveu este ensino com base em escritos heréticos, oficialmente condenados pela Igreja Primitiva. O Papa Gelásio, no fim do século V (entre 494 e 496), condenou explicitamente a literatura *Transitus* e o ensino que ela promove.¹² E, no século VI, em 520, o Papa Hormisdas ratificou o decreto de Gelásio. Factos históricos como estes provam que, para a Igreja Primitiva, os ensinamentos da assunção, oriundos da literatura *Transitus*, constituíam uma heresia digna de condenação, e não uma legítima expressão da crença piedosa dos fiéis. Por isso, até ao século VII, reina completo silêncio sobre a doutrina da assunção de Maria. O notável liturgista católico Gregory Dix salienta que “em Roma, nenhuma das cinco grandes festividades em honra à nossa Querida Dama são anteriores a 700 d.C.. Foi nessa época que as festas da Purificação, da Anunciação, da Assunção e do Nascimento de Maria foram retomadas pelo Papa Sérgio I, um Sírio proveniente de Bizâncio. Já a imaculada concepção desenvolveu-se como festividade e doutrina no Ocidente, primeiramente na Inglaterra anglo-saxónica, no início do século XI, com base numa forma mais antiga e diferente daquela de origem bizantina”.¹³

CONCLUSÃO

Em 1950, Pio XII declarou que o dogma da assunção corporal de Maria tinha sido revelado por Deus. Porém, este estudo demonstrou que a doutrina não tem fundamento bíblico, nem histórico. O único motivo para os Católicos crerem que esse dogma é *infalível* é porque a Igreja as-

A conclusão é de que ensinamentos como a assunção corporal de Maria ao Céu tiveram a sua origem em lendas e tradições humanas, e não na revelação divina.

sim o decreta. Os factos relatados provam que a pretensão de infalibilidade é totalmente infundada.

Como pode um Papa promulgar como supostamente infalível um dogma que Papas anteriores condenaram como heresia? Como pode um decreto papal mais antigo anatematizar os que acreditavam na assunção de Maria, conforme ensinada por um evangelho apócrifo, e decretos papais posteriores condenarem os que nela não acreditam? A conclusão é de que ensinamentos como a assunção corporal de Maria ao Céu tiveram a sua origem em lendas e tradições humanas, e não na revelação divina. ▢

Texto adaptado do livro de Samuele

Bacchiocchi, Crenças Populares

– O que as pessoas acreditam

e o que a Bíblia realmente diz,

Tatuí, SP: Casa Publicadora

Brasileira, 2012, pp. 266-275.

Os textos bíblicos citados são retirados

das seguintes traduções:

Almeida Revista e Atualizada (ARA),

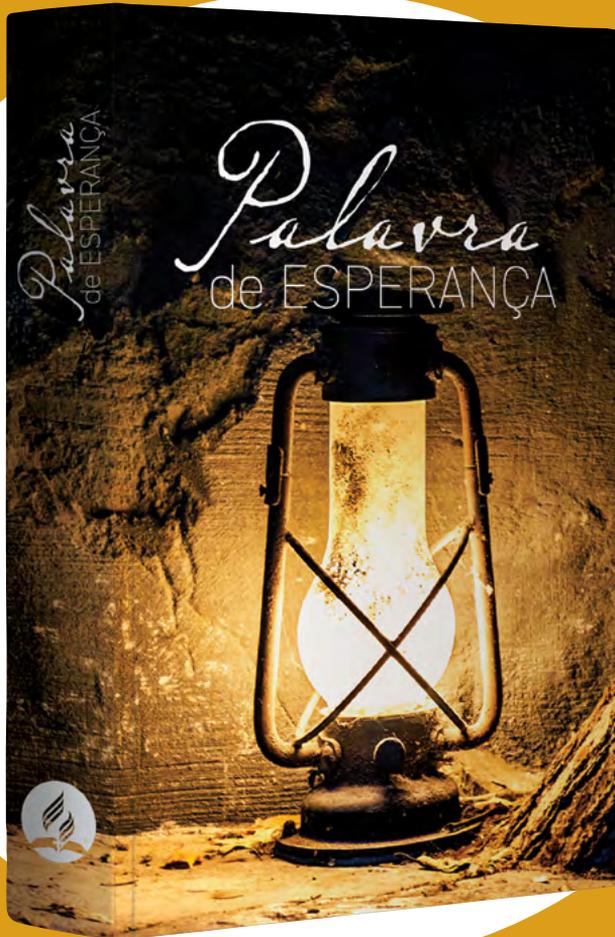
Almeida Revista e Corrigida (ARC)

e Bíblia para Todos (BpT).

¹² Pope Gelasius I, *Epistle 42, Migne Series, M.P.L.*, vol. 59, col. 162.

¹³ Gregory Dix, *The Shape of the Liturgy* (1947), p. 376.

Conheça e leia
a carta de amor de
Deus à Humanidade!



Receba e reflita,
à sua volta, o Amor de Deus!
Peça gratuitamente: 933 93 92 91.

TEOLOGIA

CRENÇA E FÉ

≈
Ezequiel Quintino
Teólogo

Fé e crença são dois conceitos distintos e separáveis, tanto na teoria como na prática. Porém, a fé não é independente da crença, mas a crença pode ser independente da fé.

O termo *fé* é usado na linguagem comum. Num sentido objetivo, é a confiança que se tem numa coisa: por exemplo, ter fé nas leis ou numa pessoa – num homem de boa-fé. Num sentido subjetivo, a *fé* tem um objeto: por exemplo, ter fé na liberdade ou ter fé em Deus.

A frequência do uso do termo *fé* aumenta consideravelmente na linguagem religiosa e, do ponto de vista espiritual, traduz a convicção do ser humano. Daqui resulta a expressão familiar: “ter fé” ou “não ter fé”, que indica a adesão ou a oposição que se verifica ou que se manifesta no indivíduo perante a religião. Teologicamente, pode distinguir-se “a fé na qual se acredita” (sentido objetivo) de “a fé pela qual se acredita” (sentido subjetivo). Atualmente, há quem ainda diga, “Eu tenho cá a minha fé”, significando, “Eu tenho a minha crença”. Será, então, que *fé* e *crença* são a mesma coisa?

Note-se que **fé e crença são dois conceitos distintos e separáveis, tanto na teoria como na prática. Porém, a fé não é independente da crença, mas a crença pode ser independente da fé.** Por exemplo, alguém intitula-se Cristão e a sua crença pode ser o credo oficial da sua Igreja, sem

que essa crença produza nessa pessoa uma renovação de vida, que é a expressão da verdadeira fé. A *crença* pode ser puramente intelectual, reduzir-se à aceitação mental de uma fórmula religiosa ou focar-se irracionalmente numa falsidade; a *crença* pode existir sem a *fé*. Mas o contrário não é possível. A *fé* não pode nascer nem subsistir sem a *crença*. A *fé* tem sempre um objeto: a pessoa de Deus e a Sua ação.¹

CRER E TER FÉ

Biblicamente, a *fé* é muito importante. As Escrituras dizem que “*sem fé é impossível agradar a Deus*” (Hebreus 11:6, *ARA*). Por isso, faremos bem em procurar compreender a importância e o significado da *fé*. Simplificando, o uso de *pistis*, termo grego do Novo Testamento que se traduz por “*fé*”, faz parte de uma grande família de palavras relacionadas e abrangem algumas derivações de vários parentes verbais. Por exemplo, um deles é o verbo *pisteuo* (“*crer*”). O substantivo relacionado (e derivado), “*fé*”, traz muito da ideia de “*crença*”. Mas *fé* não é equivalente a *crença*, apenas. A *crença* não nos diz o que a *fé* significa. O apóstolo Tiago esclarece quando diz: “*Tu crês que há um Deus; fazes bem: também os demónios o creem, e estremecem*” (Tiago 2:19, *ARC*). É óbvio que os demónios (e até o próprio Satanás) acreditam que Deus existe, mas essa crença não os salva, porque não se deixam transformar pelo amor de Deus; estão perdidos para sempre. Quanto a nós, também só a *crença* não nos torna justos diante de Deus, nem nos garante a salvação.²

Há dois textos bíblicos que revelam bem o parentesco e o significado de “*crer*” (*pisteuo*) e de “*fé*” (*pistis*). O primeiro texto é João 3:16 (*ARC*): “*Porque Deus amou o mundo, de tal maneira, que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele cre [pisteuón] não pereça, mas tenha a vida eterna.*”

1 *Dictionnaire Encyclopédique de la Bible*, Direction de Alexandre Westphal, 1973, pp. 440, 443.

2 Richard L. Litke, *Sem Enigmas*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014, pp. 82-84.

Não há qualquer possibilidade de se produzir fé em nós, sem o exercício do nosso livre-arbítrio.

O amor de Deus é a chave e é definido neste texto por três factos: 1) Deus amou os seres humanos ao extremo de permitir que Jesus tomasse a natureza humana e desse a Sua vida para os redimir da morte eterna; 2) Deus convida as pessoas a acreditarem n'Ele; e 3) se elas responderem positivamente, terão vida eterna e, portanto, não morrerão para sempre. Assim, este texto bíblico opõe-se a duas tradições cristãs largamente divulgadas – a predestinação e o inferno.

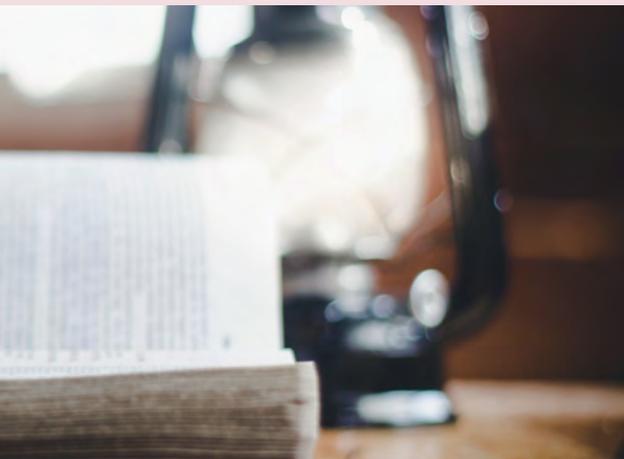
O amor de Deus é definido ao dar aos seres humanos liberdade de acreditarem, salvando-os assim de morrerem definitivamente. Dizendo de outra maneira, o amor de Deus não tem sentido, se os humanos não tiverem liberdade para acreditar, e se todos tiverem de sofrer o castigo eterno. O apóstolo Paulo diz: **“não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”** (Romanos 1:16, ARC). A salvação requer fé, pois não é apenas um dom, mas também o efeito de um relacionamento. Consequentemente, sem fé, não há salvação concretizada. Como afirma o autor de Hebreus: **“não puderam entrar [na terra prometida] por causa da sua incredulidade”** (3:19, ARC).

O segundo texto é Romanos 10:17 (ARA): **“E, assim, a fé [pistis] vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo.”** Numa tradução literal: *“Assim a fé [vem ou é] pelo ouvir, e o ouvir por meio da palavra de Cristo.”* Convém recordar que,



na época da redação do Novo Testamento e nos primeiros tempos da Igreja Cristã, os apóstolos e os anciãos das igrejas liam e explicavam, para os crentes reunidos em assembleia, os escritos dos profetas do Antigo Testamento, os Evangelhos e as Epístolas. Esta era a prática, porque, além de haver um enorme analfabetismo da população, também as cópias dos originais eram muito escassas; haveria apenas algumas cópias de manuscritos em cada comunidade. Assim, a formação espiritual da Igreja fazia-se com o líder espiritual a ler em voz alta e o povo a ouvir a leitura e a explanação da Palavra de Deus.

A fé não se origina nos seres humanos. A fé nasce neles por intermédio da leitura da Palavra de Cristo ou por meio da leitura das palavras inspiradas de Deus na Bíblia. A fé também chega aos humanos através da audição da Palavra de Deus pregada, com o Espírito Santo a produzir convicção e a implantar fé neles para responderem ao que ouviram ou leram. Portanto, a fé não vem ao nos escutarmos ou olharmos para nós mesmos, para o que fizemos ou deixámos de fazer – as promessas que cumprimos ou não. **A fé vem escutando Cristo, olhando para Cristo, contemplando Cristo!** Por isso, faremos bem em ouvir o Seu convite: *“Venham ter comigo todos os que andam*



cansados e oprimidos e eu vos darei descanso. Aceitem o meu jugo e aprendam comigo, que sou manso e humilde de coração. Assim o vosso coração encontrará descanso, pois o meu jugo é agradável e os meus fardos são leves. [...] E o que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora” (Mateus 11:28-30, *BpT*; João 6:37, *ARC*). Não há qualquer possibilidade de se produzir fé em nós, sem o exercício do nosso livre-arbítrio. Isto quer dizer que teremos de consentir em responder à graça do dom do amor de Deus.³

FÉ E SALVAÇÃO

A salvação é o tema transversal da Bíblia.

Todos os outros grandes temas são subdivisões ou explicações dele. No Antigo Testamento, **a salvação ocorre na História**, não no mito, nem no rito, como nas antigas religiões do Próximo Oriente. Deus liberta o povo de Israel do Egito. É o Êxodo, a suprema demonstração da Sua ação salvadora e protetora (Êxodo 1-16) e o prenúncio da Sua salvação no futuro. Deus liberta Israel da escravidão egípcia, abre-lhe o

Mar Vermelho, alimenta-o e protege-o na travessia do deserto para a Terra Prometida. No Novo Testamento, a salvação vê-se também na História pela ação de Deus em Jesus Cristo, “*no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça*” (Efésios 1:7, *ARA*).

O pecado é o maior problema humano (Salmo 14:1-3; Eclesiastes 7:20; Romanos 3:9-12, 23; 5:12, 19; I João 1:8, 10) **e dele resulta a condenação e a morte universal** (Romanos 5:14-18; 6:23; Tiago 1:15). Sendo o ser humano impotente para se libertar desta situação, Deus toma a iniciativa de lhe oferecer a Sua graça de salvação – a única solução possível. A promessa de salvação de Deus provoca no ser humano a fé e, pela fé, ele recebe a promessa. Deste modo, **a fé é a reação humana correta à graça de Deus e o indício de um relacionamento correto com Ele.**

Mas, em tudo isto, **Deus foi, é e será sempre o Salvador.** O Homem não tem qualquer possibilidade de escape sozinho. A parte que cabe ao ser humano (se quiser libertar-se do sofrimento, do mal e da morte) continua a ser, como no Êxodo, *pisar a água* e ver a ação salvadora de Deus (Êxodo 14:13-31). *Pisar a água* significa que, tal como foi no passado, assim é hoje: devemos aceitar o plano de libertação que Deus nos propõe e seguir todos os detalhes da Sua instrução para obter a vitória.⁴

FÉ (RELACIONAMENTO) E SALVAÇÃO

Os Evangelhos narram ações e ensinamentos de Jesus que nos ajudam a compreender verdades espirituais. Para entendermos a relação entre *fé* e *salvação*, vamos recordar duas ações de cura operadas por Jesus. Lembramos que, na Bíblia, doença e cura nunca são abordadas sob o ponto de vista médico ou científico, mas sim religioso. Por isso, no grego, a palavra para “cura” e “salvação” é a mesma (*sóteria*).

³ Norman R. Gulley, *Systematic Theology – Creation, Christ, Salvation*, Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2012, vol. III, pp. 687-689.

⁴ Ivan T. Blazen, “Salvação”, in *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015, pp. 305-309.

“Fiquem sabendo que ainda não encontrei tamanha fé, nem mesmo entre o povo de Israel.”



O primeiro episódio tem lugar em Cafarnaum, nas margens do Mar da Galileia. O empregado de confiança de um oficial romano estava doente, quase a morrer. Ao ouvir falar de Jesus, o oficial enviou alguns dos anciãos dos Judeus para Lhe pedirem que fosse curar o seu empregado. Eles intercederam com muita insistência para que Jesus lá fosse, argumentando: *“Este oficial merece que lhe façam isso, porque estima o nosso povo e foi ele quem mandou construir a nossa sinagoga”* (Lucas 7:5, BpT). No entanto, a cura pelos méritos não fazia parte da missão de Cristo, assim como não há salvação pelos méritos das ações praticadas. Mas o pedido do oficial a Jesus era: *“Basta que digas uma palavra e o meu empregado ficará curado”* (Lucas 7:7). E Jesus voltou-Se para a multidão que O seguia e disse: *“Fiquem sabendo que ainda não encontrei tamanha fé, nem mesmo entre o povo de Israel”* (Lucas 7:9). O oficial tinha ouvido falar o suficiente acerca de Jesus a ponto de estar maravilhado com Ele, e disse: *“Senhor, não te incomodes, que eu não mereço que entres em minha casa. Foi por isso que não me julguei digno de ir ter contigo pessoalmente”* (Lucas 7:6). A fé dele era autêntica, como resposta ao conhecimento que ele tinha acerca do ministério e da vida santa

de Jesus. O oficial romano não se sentia digno, mas os líderes judeus achavam que ele era merecedor. O oficial tinha fé em Jesus, mas os líderes judeus não tinham. Eles suplicaram a Jesus com base nas ações do oficial, em vez de se basearem na sua fé. Os líderes judeus valorizavam as obras humanas, pois dependiam das suas próprias obras, ao passo que o oficial dependia de Jesus, e o seu pedido foi feito em função da sua grande necessidade.

Outro episódio é o de uma mulher que tinha um grande sofrimento com uma hemorragia havia já 12 anos; ela gastou todo o seu dinheiro com médicos, mas só piorou. Esta mulher anônima ouviu falar de Jesus e procurou-O. *“Ora a multidão que seguia Jesus era tão grande que o apertava de todos os lados. [...] pondo-se atrás dele tocou-lhe na roupa. Pensava ela: Se eu conseguir ao menos tocar-lhe na roupa, ficarei curada. Imediatamente a hemorragia parou e viu que estava curada do seu mal. E logo Jesus se apercebeu de que aquele poder saiu dele. Voltou-se e, ali no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou na roupa?”* (Marcos 5:24-30, BpT.) Os discípulos, não sabendo o que tinha acontecido com a mulher, consideraram estranha a pergunta, porque toda a gente o apertava de todos os lados. Mas Jesus sabia a diferença entre um toque casual e um toque de

fé. “Nisto, a mulher, que sabia o que lhe tinha acontecido, começou a tremer de medo. Aproximou-se de Jesus, pôs-se de joelhos e contou-lhe toda a verdade. Então ele disse-lhe: Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz. Estás curada do teu mal” (Marcos 5:31-34).

A FÉ PARA SALVAÇÃO É RELACIONAL

Muitos tomam o nome de Cristo intitulado-se Cristãos, mas Jesus é para eles apenas um conhecido casual; a adesão deles à doutrina de Jesus é só intelectual e superficial. Mas a cura espiritual vem para aqueles que desejam estar perto de Jesus e tê-lo como um Salvador pessoal. Então, Ele honra-os com a cura de que precisam, pois **a verdadeira fé é relacional – o verdadeiro crente deseja estar sempre perto de Cristo.**

No âmbito da salvação, devemos aceitar a justiça (a pureza de caráter) de Cristo pela fé, sabendo que nem mesmo uma vida inteira de boas ações ganharia a nossa salvação. A Palavra de Deus é clara: **“Porque é pela graça que estão salvos, mediante a fé. E isto não é mérito vosso, é dom de Deus. Não vem das obras para que ninguém se glorie”** (Efésios 2:8, *BpT*). Assim, a salvação não é concedida sem uma fé que age por amor e purifica a consciência. Mas a fé e a purificação são dádivas de Deus; no entanto, a fé deve ser exercida como uma resposta à ação de amor de Deus, de modo que o ser humano coopere com Deus por meio da fé. Pois Deus respeita a liberdade humana de decidir aceitar ou não a Sua graça, e só funciona nas pessoas que respondem. E Cristo diz: **“Olha que eu estou a bater à tua porta. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entro em sua casa, janto com ele e ele comigo”** (Apocalipse 3:20, *BpT*). Isto significa relacionamento íntimo.

A fé dissipa o medo. No entanto, muitos Cristãos não desfrutam da liberdade que advém de um Cristo que habita neles e que opera neles. Porquê? Porque eles es-

“Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de factos que se não veem.”

tão muito preocupados com as ocupações da vida. Cristo quer que nos concentremos n’Ele como nosso Salvador e não nos fardos da vida, que muitas vezes escondem Cristo da nossa vista. Por isso **Jesus lembra-nos de que a fé nos é necessária, a começar pelas coisas comuns da vida diária:** *“Não andem preocupados a dizer: Que havemos de comer? Que havemos de beber? Que havemos de vestir? Os pagãos, esses é que se preocupam com todas essas coisas. O vosso Pai celestial sabe muito bem que vocês precisam de tudo isso. Procurem primeiro o reino de Deus e a sua vontade e tudo isso vos será dado. Portanto, não devem andar preocupados com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia a sua dificuldade”* (Mateus 6:31-34, *BpT*). A fé num Deus que tem a vontade e o poder de suprir todas as nossas necessidades (físicas, emocionais e espirituais) concentra-se no Único que é capaz de remover todas as preocupações, substituindo-as pela liberdade que só Ele transmite. **A salvação é holística. Tem a ver com a pessoa total, dia-a-dia, e torna a vida numa experiência espiritual, mesmo quando vivemos num mundo secular.**⁵

“Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de factos que se não veem” (Hebreus 11:1, *ARA*). ▽

5 Norman R. Gulley, *op. cit.*, pp. 687-689.

VERSÕES BÍBLICAS USADAS:

ARA – Almeida Revista e Atualizada, Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ARC – Almeida Revista e Corrigida, Sociedade Bíblica de Portugal, 2001.

BpT – A Bíblia para Todos, Sociedade Bíblica de Portugal, 2011.

“GUERRAS E RUMORES DE GUERRAS” Crise entre a Rússia e a Ucrânia

A tensão entre a Rússia e a Ucrânia é histórica. Em 2014, uma ofensiva russa terminou com a anexação da Península da Crimeia e com a disputa por territórios a leste de Kiev. Desde então, a guerra de palavras entre a Rússia e a Ucrânia aumentou. O risco de conflito armado intensificou-se com a repentina concentração de forças militares russas nas proximidades da fronteira com a Ucrânia. E a invasão, que se previa iminente, teve, por fim, lugar. A tendência imperialista da Rússia vem desde o século XIX, e não morreu com a extinção da ex-União Soviética. Para o sentimento nacionalista russo, a Rússia

sem a Ucrânia é apenas um país, com a Ucrânia é um império. O que a Rússia quer, de facto, é recuperar a Ucrânia para voltar a ser a *grande Rússia*.

Teme-se que esta invasão russa da Ucrânia possa fazer estender o conflito à Europa. Os países ocidentais, principalmente os da União Europeia e os Estados Unidos da América, têm reagido às investidas e atitudes de carácter bélico por parte de Putin. A crise entre a Rússia e a Ucrânia é designada como um dos “conflitos congelados da Europa”, sendo um confronto geopolítico de previsões imprevisíveis.

Guerra comercial

A atual disputa comercial entre a China e os Estados Unidos da América começou com Donald Trump. O ex-Presidente norte-americano anunciou, em 22 de março de 2018, uma lista de tarifas, totalizando 50 bilhões de dólares, sobre as importações provenientes da China. Trump baseou-se na Lei de Comércio de 1974, citando um historial chinês de “práticas comerciais desleais” e roubo de propriedade intelectual. Em retaliação, o governo chinês impôs tarifas em mais de 128 produtos norte-americanos, incluindo princi-

palmente a soja, uma importante exportação dos EUA para a China.

Esse conflito de ordem económica afeta diretamente todo o mundo, já que os EUA e a China são os países que mais lucram com as exportações. Com a aplicação de impostos, os produtos podem ter um aumento de preço e provocar a redução do consumo por parte dos mercados consumidores em muitos países a nível global. As consequências geopolíticas desta guerra comercial são também imprevisíveis. ▢

Já Jesus nos tinha avisado: **“E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; [...] porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino [...] mas ainda não é o fim”** (Mateus 24:6 e 7, ARC).
Mas... são Sinais dos Tempos!

Cracóvia tem uma praça com o nome de um missionário Adventista



A cidade de Cracóvia, na Polónia, deu o nome do primeiro missionário Adventista na Europa a uma praça pública da cidade. Como parte das celebrações do centésimo aniversário da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Cracóvia, as altas autoridades municipais e do Parlamento polaco inauguraram a praça Michael Belina Czechowski (1818-1876), em homenagem a este cidadão polaco que nasceu perto de Cracóvia. A cerimónia teve lugar no Sábado, 25 de setembro de 2021, no exato dia em que Czechowski tinha nascido, 203 anos antes.¹

Czechowski foi um homem de grande iniciativa e muito ativo. Envolveu-se em atividades patrióticas e foi pioneiro em movimentos promotores de saúde e abstinência. Ainda como sacerdote católico, Czechowski trabalhou em Paris com os imigrantes polacos, entre 1844 e 1850. Ao passar pela Suíça, aceitou o Protestantismo. Em 1851, renunciou ao sacerdócio, casou-se e embarcou para Nova Iorque. Nos EUA, na sua busca da verdade bíblica, tornou-se Pastor batista, até que, em

1856, ouviu pioneiros Adventistas pregarem sobre a Segunda Vinda de Cristo. Em 1857, abraçou a fé Adventista do Sétimo Dia, dedicando-se à evangelização dos imigrantes de Nova Iorque e de Vermont. Publicou uma autobiografia (em 1862) sobre a sua experiência de 15 anos de sacerdócio católico romano e sobre a sua conversão à fé bíblica.

Ansiava regressar à Polónia para pregar a mensagem do Advento, mas a Igreja Adventista não tinha recursos para manter uma missão estrangeira. Por iniciativa própria, regressou à Europa, em 1864, tornando-se no primeiro missionário Adventista não oficial no continente europeu. Foi missionário entre os Valdenses do Piemonte italiano, na Suíça, França, Hungria, Roménia, Áustria e no seu país, a Polónia. A missão de Czechowski não foi um fracasso. Ele lançou muitas sementes do evangelho da esperança no Segundo Advento de Cristo, que germinaram mais tarde. Na realidade, os desígnios de Deus ultrapassam com frequência os planos humanos – *Sinal dos Tempos*. ▢

¹ Adventist Review, novembro 2021, p. 17.



Fé e Salvação

A fé e a salvação são dons de Deus – “[...] Porque é pela graça que estão salvos, mediante a fé. E isto não é mérito vosso, é dom de Deus. [...]” (Efésios 2:5-10).

Recebemos a fé pela Palavra de Deus – “Assim a fé vem daquilo que se ouve e o que se ouve é o anúncio da palavra de Cristo” (Romanos 10:17).

Pela fé aceitamos Jesus como nosso Salvador – “Deus amou de tal modo o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crer não se perca, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

Pela fé somos perdoados e justificados – “[...] Deus faz com que as pessoas sejam justificadas por meio da fé em Jesus Cristo. [...] Deus os justifica gratuitamente por meio de Jesus Cristo que os libertou do poder do pecado. Deus fez com que Cristo, pela sua morte, se tornasse instrumento de perdão para os que creem nele. [...]” (Romanos 3:21-31).

Pela fé somos adotados como filhos de Deus – “Mas a todos quantos o receberam [Cristo], aos que creem nele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus” (João 1:12; Gálatas 4:4-7).

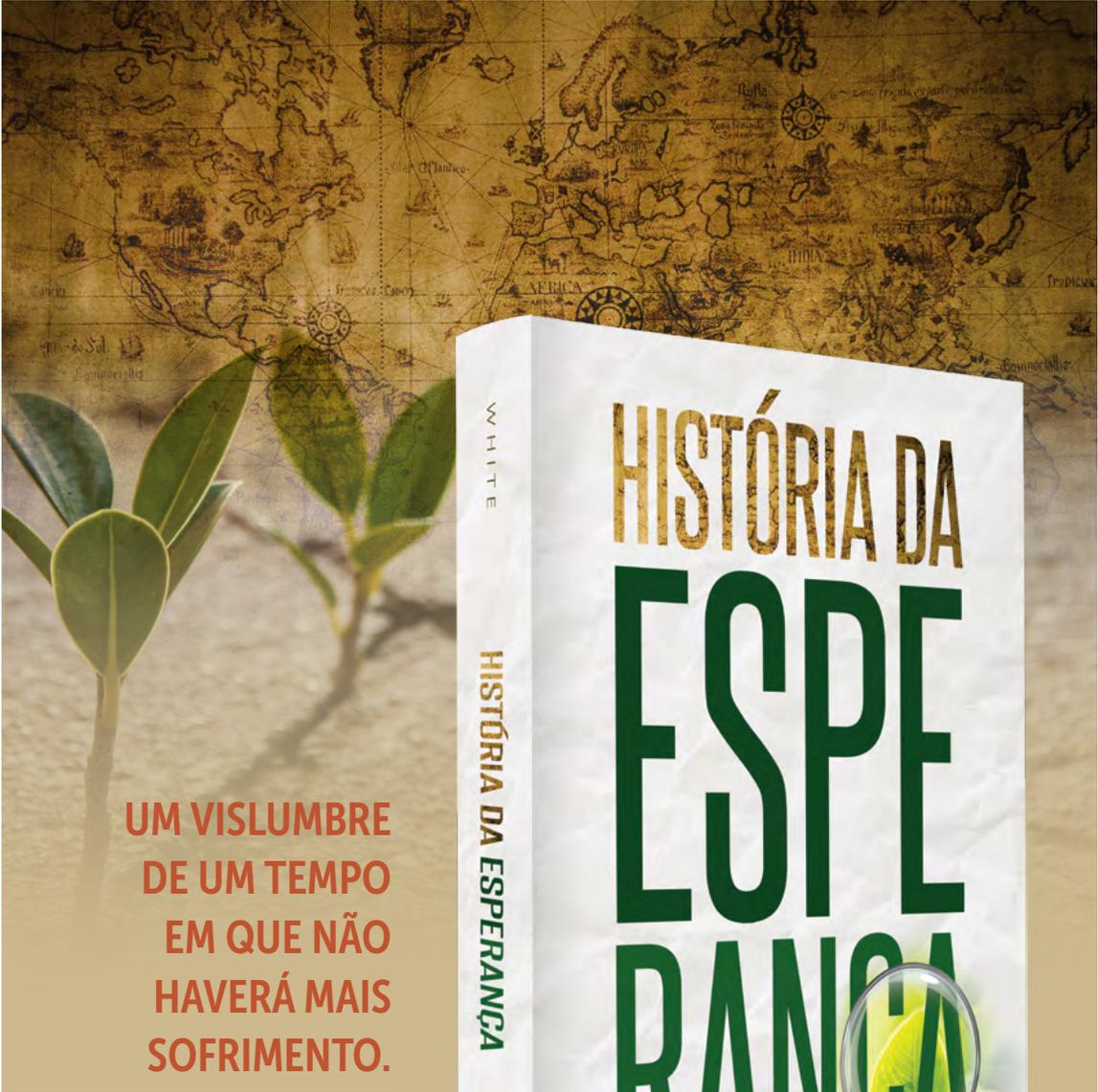
Pela fé nascemos para uma nova vida – “[...] Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. [...] só quem nascer da água [batismo] e do Espírito [Santo] é que pode entrar no reino de Deus. [...]” (João 3:3-8; II Pedro 1:23).

Pela fé somos transformados à imagem de Deus – “Não vivam de acordo com as normas deste mundo, mas transformem-se, adquirindo uma nova mentalidade. Assim compreenderão qual é a vontade de Deus, isto é, o que é bom, o que lhe é agradável e o que é perfeito” (Romanos 12:2). “Deus, pelo seu poder, concedeu-nos tudo o que é necessário para vivermos em santidade, [...] a fim de

que tomem parte na natureza divina e fujam dos maus desejos da corrupção que existe no mundo. [...]” (II Pedro 1:3-8).

Pela fé recebemos o poder para viver uma vida santificada – “Vou dar-vos um novo coração e um novo espírito. Em vez do vosso coração de pedra, vou dar-vos um obediente coração de carne. Vou pôr o meu Espírito em vós e farei com que obedeam fielmente às minhas leis e aos meus mandamentos que vos dei” (Ezequiel 36:26 e 27; Romanos 8:1-4). ▢

Os textos bíblicos são da versão *A Bíblia para Todos*, Sociedade Bíblica de Portugal, 2011.



**UM VISLUMBRE
DE UM TEMPO
EM QUE NÃO
HAVERÁ MAIS
SOFRIMENTO.**

ORIGINAL "HISTÓRIA
DA REDENÇÃO",
DA AUTORA
NORTE-AMERICANA
ELLEN G. WHITE



Peça gratuitamente 933 93 92 91.